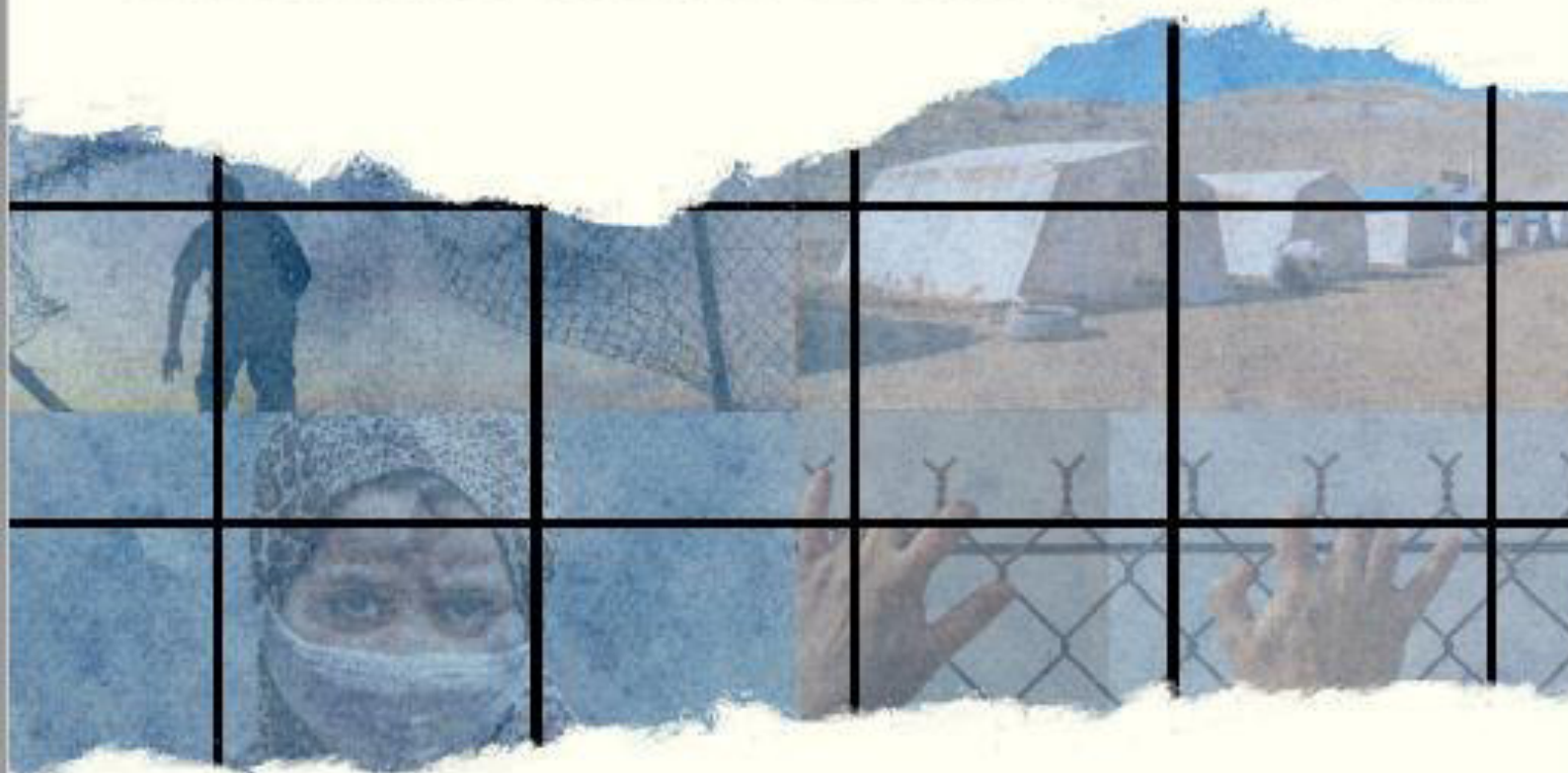


Universidade Federal do Rio Grande do Sul



VOZES DO REFÚGIO:

NARRATIVAS DE SI SOBRE SER ESTUDANTE

UNIVERSITÁRIO REFUGIADO



Rosane Machado Rollo

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Rosane Machado Rollo

## **VOZES DO REFÚGIO:**

**NARRATIVAS DE SI SOBRE SER ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO REFUGIADO**

PORTO ALEGRE

2022

Rosane Machado Rollo

# **VOZES DO REFÚGIO:**

**NARRATIVAS DE SI SOBRE SER ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO REFUGIADO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristianne Maria Famer Rocha

**Linha de Pesquisa:**

Estudos Culturais em Educação

PORTO ALEGRE

2022



ATA PARA ASSINATURA N° \_\_\_\_\_

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação  
EDUCAÇÃO - Mestrado Acadêmico  
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Rosane Machado Rollo, com ingresso em 01/08/2019

Título: **VOZES DO REFÚGIO: NARRATIVAS DE SI SOBRE SER ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO REFUGIADO**

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristianne Maria Famer Rocha

Data: 27/07/2022

Horário: 09:00

Local: <https://meet.google.com/jrm-cbrf-don>

<u>Banca Examinadora</u>	<u>Origem</u>
Lodenir Becker Karnopp	UFRGS
Camilo Darsie de Souza	UNISC
Silvia Costa Abós	UB

Porto Alegre, 27 de julho de 2022

<u>Membros</u>	<u>Assinatura</u>	<u>Avaliação</u>
Lodenir Becker Karnopp	(Participação por teleconferência)	APROVADO
Camilo Darsie de Souza	(Participação por teleconferência)	APROVADO
Silvia Costa Abós	(Participação por teleconferência)	APROVADO

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: ( ) Sim (X) Não

**Observação:** Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluna

Orientadora

## CIP - Catalogação na Publicação

Machado Rollo, Rosane  
VOZES DO REFÚGIO: NARRATIVAS DE SI SOBRE SER  
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO REFUGIADO / Rosane Machado  
Rollo. -- 2022.  
216 f.  
Orientadora: Cristianne Maria Famer Rocha.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Educação universitária. 2. Estudos Culturais. 3.  
Narrativas. 4. Refúgio. 5. Michel Foucault. I. Maria  
Famer Rocha, Cristianne, orient. II. Título.

Este trabalho é dedicado aos migrantes e refugiados, em especial, aos colaboradores/protagonistas desta pesquisa: Alexandra, Baely, Chidelson, Dulce, Rogério e Zuli, sem os quais, essa Dissertação não teria sido possível.

## AGRADECIMENTOS

O processo árduo, mas tantas vezes prazeroso, da escrita de uma Dissertação sobre migração, só foi possível na medida em que pude eu mesma estar em permanente movimento/deslocamento, entre narrativas, histórias, memórias, lugares, países, mundos. Isso se deve também a muitas pessoas envolvidas e encontros remarcáveis, por isso não é um momento fácil. Além do transbordamento das emoções, sempre há o risco de esquecermos alguém importante, ou mesmo dos agradecimentos serem insuficientes. Entretanto, gratidão é sempre uma palavra que me move, e na escrita dos agradecimentos, pensando nos tantos momentos vividos ao longo desse Mestrado, gostaria de agradecer:

À minha mãe. Obrigada, Nely, pelo apoio incondicional e pela presença constante e paciente. Agradeço, mãe, pelas tantas vezes que, vendo-me completamente absorvida pela escrita, viestes trazer aquele chazinho, de erva-doce, que me refazia para continuar a escrita. Estás sempre comigo, és meu amparo e meu refúgio. Ri e chora ao meu lado. És minha mãe e minha luz. Tu, juntamente com meu pai (Jose, in memorium), ensinaram-me o verdadeiro sentido do amor. Para vocês dois, todas as palavras do mundo não seriam suficientes. Então, verbalizo essa gratidão com o que vocês me trouxeram de mais caro, o amor. Amo vocês (tu e o pai), mãe!

Àqueles que me mostraram o significado da palavra incondicional! Incondicional o amor! Incondicional a paciência! Incondicional o carinho! Incondicional a vida! Amados filhos, Juliana e Marhcus Vinicius, obrigada por estarem sempre por perto, mesmo à distância! Amo vocês!

Ao Gabriel, luz que me guia! Longe fisicamente, mas tão próximo do coração. Por vezes, chorei escrevendo, ao lembrar de ti. Dei-me conta que estava sofrendo de lonjuras da tua ausência. Perto ou longe, razão maior da minha vida, nunca imaginei conhecer tamanho amor! E, sim, me sentar no chão e brincar contigo, é minha narrativa preferida! Sem dúvida, parafaseando Larrosa (2020), tu és a experiência que me passa, que me toca, que me acontece, e ao passar, me forma e me transforma. Contigo, sou sujeito de experiencia interdita de mim, mais aberta a paixão, que age a partir de uma lógica da paixão, aonde o “sujeito apaixonado não é outra coisa e não quer ser outra coisa que não a paixão” (LARROSA, 2020, p.30). Te amo grandão, além de tudo!

À Jess e ao Murilo, que quero tão bem, já aqui, dividindo um espaço nesse coração, ao lados dos meus amores maiores. Agradeço por vocês cuidarem, daquilo que tenho de mais caro nessa vida. A vocês, meu amor, mais que incondicional!

À minha irmã Elaine, ao meu sobrinho Pedro, e a Beta, todos sempre abertos a escuta genuína, e acolhimento sincero! Gratidão! Amo vocês!

À Rivia, companheira de todas as horas, sempre tão presente com sua escutatória e paciência mineira. Obrigada de coração, pelos momentos de carinho e generosidade!

Ao DéliSSon, que sempre atento, esteve comigo em toda essa pesquisa, tanto na parte operacional do trabalho, quanto na leveza do acolhimento incondicional! Meu muito, muito obrigada! Que a vida continue nos proporcionado, belos encontros! Gratidão!

À Simone e a Margot, amigas de todas as horas e lugares, que mesmo percebendo as ausências, nunca desistiram da busca! Os encontros agora, retornam à agenda,

Aos colegas do Curso de Psicologia da UFCSPA, em especial, a Juliana, a Julia, ao Augusto, e a Fernanda, que nos momentos em que eu estava mais angustiada, sempre estiveram ao meu lado, colaborando nas tarefas do curso, mas principalmente, com aquele acolhimento genuíno! Muito, muito obrigada, vocês são/serão sempre, muito importantes na minha caminhada!

Aos colegas da Cruz Vermelha, em especial a Jaciane, a Giovana, a Mayra, a Bruna, ao Vinicius e a Eduarda, que sabendo das minhas correrias, sempre estiveram por perto, estendendo a mão e o ombro, com generosidade ímpar ! Obrigada de coração.

Aos colegas de pós-graduação do Grupo de Estudos em Promoção da Saúde (GEPS), e do Grupo Ampliado de Orientação (GAO), da UFRGS, sob coordenação da minha orientadora Cristianne, minha gratidão! Trabalho bonito, criativo, coletivo, sem o qual essa Dissertação teria tomado outros rumos. Agradeço em especial, à Liara, (amiga, ouvinte e socorrista de última/de todas as horas), ao Mateus (pelo sempre generoso acolhimento de carinho, e de ABNT), ao Vini, a Carolina e a Maura (que sempre estiveram atentos a minha pesquisa, desde quando ainda não era nem projeto), a Ivana (pela oportunidade da escrita, e do encontro de pesquisas), e ao Zago (pelos seminários kinopolíticos), pela acolhida genuína, e escuta atenta.



Aos colegas orientando(a)s Angeli, Carolina, Caroline, Fernanda, Igor, Kamyla, Lázaro, Liara, Liciane, Luciana, Maura, Michele, Priscila, Roberta, Vinicius, Thanise, e Thainan, agradeço! Agradeço pelo acolhimento, pela paciência e pelas muitas partilhas e parcerias nesse percurso. Com vocês aprendi a potência da construção coletiva do conhecimento, e as dores e delícias de ser/estar orientanda. Por isso, meu muito obrigada!

Aos meus Amigos e às minhas Amigas, que não foram citados aqui, mas com quem compartilho a vida, o trabalho, a esperança, as conquistas, as perdas, as gargalhadas e as angústias. Tenho convicção de que não seria feliz sem poder contar com vocês o tempo todo! Afinal, a vida é feita de amigos.

À UFRGS, lugar que fez/faz toda diferença na minha vida. Que me acolhe, com qualidade, desde 2011. E, na figura da instituição, agradeço também a todos os professores que ao longo desta jornada estiveram ao meu lado, me apoiando com suas aulas, seus conselhos, ou simplesmente com suas mais (in)formais conversas.

Aos integrantes da Banca, professoras Lodenir Becker Karnopp e Silvia Costa Abós, e aos professores Camilo Darsie de Souza e Rodrigo Lages - que participou da qualificação -, partícipes tão importantes nesta escrita desde a Qualificação. Agradeço muito, pelas valiosas contribuições a mim conferidas na ocasião da Banca de Qualificação, bem como, por aceitarem participar do processo avaliativo de Defesa Final, do presente trabalho. Mas, acima de tudo, agradeço pela oportunidade do encontro e pela generosidade do acolhimento, que vocês têm promovido, desde que aceitaram o convite para estarem comigo nesta caminhada. Por isso, a vocês, meu muito obrigada!

À Cristianne Maria Famer Rocha, minha desde sempre, (des)orientadora, como ela mesma se nomeia, obrigada de coração! Obrigada pelas sugestões, leituras, conversas; por me desafiar a (re)pensar sobre os caminhos da pesquisa e refletir sobre minhas (in)certezas! Obrigada pelo privilégio da convivência, pelas parcerias que fizemos e pelas muitas que ainda vamos fazer! Obrigada pela companhia neste caminho, por vezes estressante, escorregadio e misterioso da escrita. Obrigada pela confiança depositada desde a seleção do Mestrado. Em alguns momentos – quando, muito cansada, pensei em desistir – foi por esta confiança que não o fiz. Obrigada por ter me ajudado a me permitir, e ter topado me acompanhar nessa viagem errante e sem volta! Enfim, obrigada pelos diversos aprendizados, pelo riso fácil e pela fina ironia! Professora Cristianne, ou melhor Cris, teus ensinamentos e tua escuta fizeram/e

continuam fazendo, desde há muito, revolução em mim! Por isso, muita, muita Gratidão, e quem sabe, rumo ao caminho da pantufa!

Por fim, além de eterna GRATIDÃO, dedico esta Dissertação aos verdadeiros protagonistas desta pesquisa: Alexandra, Baely, Chidelson, Dulce, Rogério e Zuli, sem os quais, esse trabalho não teria sido possível. Muito, muito obrigada: pela escuta, pela fala, pelo encontro! Com vocês conheci o verdadeiro significado da palavra Gratidão!

## PARABÉNS UFRGS

*Ei, a minha universidade amada  
Eu vi, você olhou para fora  
Para o futuro dos imigrantes  
Chove mais forte quando penso neles  
Porque alguns dizem que não têm estilo  
Mas esquecem do nosso talento*

*E avançar de cabeça erguida  
Você ouve os nossos gritos  
E se preocupa com o nosso plano final  
Porque fazemos parte da sociedade brasileira  
Universidade UFRGS, como vai fazer?  
O ser humano é assim mesmo?  
Você decidiu algo?  
Porque não queremos ficar amarrados.  
Difícil me tranquilizar  
Pois intelectualmente somos rejeitados  
UFRGS, vamos tentar não ficar insensíveis.  
E, continuar estendendo a mão para eles.*

(Chidelson Philippe, 2021, p.42)

## RESUMO

Movimento e migração são condições de definição histórica da humanidade. Em 2021 cerca de 281 milhões de pessoas eram migrantes internacionais. E, desses, mais de 100 milhões, são refugiados, que foram forçadas a migrar por guerras, conflitos e perseguições, um número sem precedentes, jamais verificado pelo ACNUR. Quanto ao acesso da população refugiada ao ensino superior, somente 3% de pessoas refugiadas estão matriculadas em universidades ao redor do mundo, em comparação aos 37% da população global, que chega aos mais altos níveis educacionais. No caso brasileiro, temos cerca de 500 estudantes refugiadas ou solicitantes de refúgio (470 de graduação; 18 de mestrado; e, 08 de doutorado), estão matriculados em instituições de ensino superior. Embora a importância dos movimentos humanos, ao longo do tempo, no campo da Educação, no Brasil, ainda são poucos os estudos a respeito da inserção acadêmica de alunos migrantes e/ou refugiados. Com o objetivo de acompanhar a construção da experiência de refúgio, a partir das narrativas e significados produzidos por estudantes refugiados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ingressados por meio de Editais para Ingresso de Pessoas em Situação de Refúgio, esta pesquisa, de cunho qualitativo, se insere no campo teórico dos Estudos Culturais e, mais precisamente, dos Estudos Foucaultianos. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas narrativas com seis estudantes de graduação refugiados. As análises dessas narrativas, realizadas a partir de inspirações teórico-metodológicas de Michel Foucault e Jorge Larrosa, conduziram à organização de três eixos analíticos que recuperam, em certa medida, as etapas do processo migratório: o primeiro eixo - Olhando para o passado: a situação dos estudantes refugiados antes e durante a migração - mostra as vivências dos entrevistados ainda no país de origem, durante a travessia, até a chegada ao Brasil. O segundo eixo - Percepções dos estudantes refugiados após a chegada ao Brasil - focaliza como os estudantes refugiados, já em solo brasileiro, percebem as experiências vividas sobre os processos de integração, principalmente, no que se refere ao RS e à cidade onde estão vivendo. O terceiro eixo - Inserção na UFRGS: do ingresso aos desafios da permanência - mostra como os entrevistados narram as experiências sobre ser estudante refugiado da UFRGS, e de que forma isso impactou/impacta em seus projetos de vida, atuais e futuros. As narrativas indicam, de maneira geral, que os estudantes se sentem congratulados pela oportunidade da experiência de inserção no ensino público federal, em particular, na UFRGS, considerada por todos como uma universidade de excelência. Porém, também sugerem que o processo de inserção precisa ser qualificado, particularmente em relação a: falta de informações sobre os documentos necessários ao ingresso; falta de acompanhamento dos estudantes, principalmente, dos refugiados que não falam português; falta de divulgação do edital (que não consegue atingir, de forma ampla, o público-alvo); inexistência de vagas para refugiados em todos os cursos; e, que o edital seja aberto a todos os migrantes, independentemente, do status jurídico. Tais sugestões demonstram o quanto a universidade – e, de certa forma, a sociedade como um todo - precisa se reinventar para, efetivamente, incluir os estudantes refugiados, de forma mais generosa, harmônica e solidária.

**Palavras-chave:** Educação universitária; Estudos Culturais; Narrativas; Refúgio; Michel Foucault

---

ROLLO, Rosane Machado. **Vozes Do Refúgio: narrativas de si sobre ser estudante universitário refugiado.** 2022. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

## ABSTRACT

Movement and migration are conditions of the historic definition of humanity. In 2021 around 281 million people were international migrants. And of these, more than 100 million are refugees, who have been forced to migrate by wars, conflicts and persecution, an unprecedented number, never verified by UNHCR. As for the refugee population's access to higher education, only 3% of refugees are enrolled in universities around the world, compared to 37% of the global population, which reaches the highest educational levels. In the Brazilian case, we have about 500 refugee students or asylum seekers (470 undergraduate; 18 master's; and 08 doctoral), are enrolled in higher education institutions. Despite the importance of human movement through time in the field of Education in Brazil, there are still few studies regarding the academic insertion of migrant and/or refugee students. In an attempt to follow how the refugee experience takes place and taking into consideration the narratives and meanings produced by refugee students at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) joining the university by Entrance Edicts for People in Refugee Situation, this qualitative research is inserted in the theoretic field of Cultural Studies, namely the Foucaultian Studies. The data was produced from narrative interviews with six undergraduate refugee students. The analysis of such narratives, performed taking into consideration Michael Foucault and Jorge Larossa's theoretical and methodological inspirations, led to the organization of three analytical axes which recall, to a certain extent, the stages of the migration process: the first axis – Looking back: the situation of refugee students before and after migration – presents the life experiences of the interviewees not only while they still were in their country of origin, but also during the migration process and their arrival in Brazil. The second axis – Refugee students' perception after they arrived in Brazil – focuses on how these students, already on Brazilian ground, perceive their life experiences regarding the integration processes, mainly to what the state of Rio Grande do Sul and the city in which they are living are concerned. The third axis – Insertion at the Federal University of Rio Grande do Sul: from the entrance to the challenges of permanence – shows how the interviewees narrate their experiences regarding being a refugee student at the university and to what extent this condition has impacted their current and future life projects. The narratives indicate, in general, that the students feel congratulated by the opportunity of studying at a federal university, particularly at the Federal University of Rio Grande do Sul, which is regarded by many as a university of excellence. On the other hand, the interviewees suggest that the insertion process has to be improved, mainly in the following aspects: the lack of information regarding the required documents to enter the university; lack of monitoring of the students, mainly of the refugees who do not speak Portuguese; little advertisement of the edict (which cannot properly reach the target public); inexistence of places for refugees in all courses; the edict should be open to all migrants, regardless of the juridic status. Such suggestions show how much the university – and, to a certain extent, society in general – has to reinvent itself to effectively include the refugee students in a more generous, harmonic, and solidary way.

**Keywords:** University education; Cultural Studies; Narratives; Refuge; Michael Foucault

---

ROLLO, Rosane Machado. **Vozes Do Refúgio: narrativas de si sobre ser estudante universitário refugiado**. 2022. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Discute o papel da memória e do esquecimento a partir do caso Aylan.....	20
<b>Quadro 1</b> - Panorama do ingresso especial de alunos refugiados de 2017 a 2020.....	88

## LISTA DE SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
Celpe-Bras	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
CSVM	Cátedra Sérgio Vieira de Melo
CF	Constituição Federal
CAPLLE	Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Línguas Estrangeiras
CEU	Casa do Estudante Universitário
COMGRAD	Comissão de Graduação
CPLP	Comunidade de Países de Língua Portuguesa
CAF	Coordenadoria de acompanhamento do programa de ações afirmativas
CECLIMAR	Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos
CONSUN	Conselho Superior da Universidade
CNIg	Conselho Nacional da Imigração
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GAIRE	Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
MEC	Ministério da Educação
NEPEMIGRA	Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Migrações
PBMIH	Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária
PEC-G	Programa de Estudantes Convênio Graduação (PEC-G)
PNAES	Plano Nacional de Assistência Estudantil
PPE	Programa de Português para Estrangeiros
PRAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão
MEC	Ministério da Educação
OIM	Organização Internacional das Migrações

ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UVV	Universidade de Vila Velha
UNB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICURITIBA	Universidade de Curitiba
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNISANTOS	Universidade de Santos
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí



## SUMÁRIO

<b>CENAS MIGRANTES: PREAMBULANDO .....</b>	<b>19</b>
<b>ESTAR SÓ DE PASSAGEM: APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>2. MOVIMENTO, MIGRAÇÃO E CATEGORIAS (CO)MOVENTES .....</b>	<b>41</b>
2.1 MOBILIDADES E MOVIMENTOS .....	41
2.2 KINOPOLÍTICA: MIGRAÇÕES, FRONTEIRAS E TECNOLOGIAS FRONTEIRIÇAS.....	44
2.3 MIGRANTES OU REFUGIADOS? PALAVRAS IMPORTAM!.....	51
2.4 CONSTRUÇÃO LEGAL DO CONCEITO DE REFÚGIO: DO CENÁRIO INTERNACIONAL AO LOCAL .....	58
<b>3. MIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA.....</b>	<b>66</b>
3.1 ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL .....	68
3.2 EXPERIÊNCIAS DE INSERÇÃO DE IMIGRANTES E REFUGIADOS(AS) NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS .....	75
3.3 CONTEXTUALIZANDO A INSERÇÃO DE ALUNOS MIGRANTES REFUGIADOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL .....	87
3.3.1 <i>Breve histórico da UFRGS</i> .....	87
3.3.2 <i>O Ingresso de Refugiados em Cursos de Graduação: o processo seletivo</i> .....	89
3.3.2.1 O primeiro edital.....	91
3.3.2.2 O segundo edital .....	93
3.3.2.3 O terceiro edital .....	95
<b>4. CONCEITOS E FERRAMENTAS.....</b>	<b>98</b>
4.1. NARRATIVAS, EXPERIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DO EU: UMA DAS CONEXÕES POSSÍVEIS NA FALA DOS ESTUDANTES .....	100
4.2 SOBRE OS DISCURSOS .....	103
<b>5. SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA: UM MODO DE FAZER .....</b>	<b>109</b>
5.1 ENTREVISTAS NARRATIVAS.....	110
5.2. SOBRE OS PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS .....	112
5.3 SOBRE OS ASPECTOS ÉTICOS E A ESCOLHA DO NOMES DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: ENTRE A VULNERABILIDADE E O PROTAGONISMO.....	121
5.4 O PERFIL DOS COLABORADORES DA PESQUISA .....	123
5.5 SOBRE OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE – ORGANIZAÇÃO DE MARCADORES.....	126
<b>6. NARRATIVAS SOBRE SER ESTUDANTE REFUGIADO DA UFRGS.....</b>	<b>129</b>
6.1 OLHANDO PARA O PASSADO: A SITUAÇÃO DOS ESTUDANTES REFUGIADOS ANTES DA MIGRAÇÃO .....	130
6.1.1 <i>Motivos da saída</i> .....	132
6.1.2 <i>Travessias</i> .....	135
6.2 PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES REFUGIADOS APÓS A CHEGADA AO BRASIL .....	137
6.2.1 <i>Barreiras iniciais: as dificuldades da chegada</i> .....	137
6.2.2 <i>As redes migratórias de apoio</i> .....	141
6.2.3 <i>Diferenças culturais e as faces da (in)tolerância: Brasil um país para todos? ....</i>	144

6.3 INSERÇÃO NA UFRGS: DO INGRESSO AOS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA.....	156
6.3.1 <i>Do acesso às informações sobre o Edital ao ingresso na graduação da UFRGS.</i>	156
6.3.2 <i>Permanência</i> .....	163
6.3.3 <i>Pandemia</i> .....	168
6.3.4 <i>Do inventário do Edital: desafios e potencialidades</i> .....	173
6.3.5 <i>Projetos Futuros</i> .....	175
<b>7. PARA (IN)CONCLUIR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. ....</b>	<b>181</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>188</b>
<b>APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</b> .....	<b>208</b>
<b>APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP/UFRGS.....</b>	<b>213</b>

## CENAS MIGRANTES: PREAMBULANDO

Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado. (...) Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes. (FOUCAULT, 2010a, p. 289-290)

Em entrevista à Duccio Trombadori, Michel Foucault<sup>1</sup> afirma ser um experimentador e não um teórico - explica que o teórico deduz, analisa e aplica de maneira uniforme em diferentes campos. Foucault (2010a) diz que escreve para expressar o que pensa e não para afirmar o que sabe, que só escreve por não saber, sendo que seu texto o transforma e transforma o que ele pensa. Aos modos do excerto, também me coloco enquanto sujeito da experiência (LARROSA, 2020, p. 25), ou “algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. As palavras aqui expressas/transbordadas e as ideias e as incertezas apontadas no decorrer dessa Dissertação, expressam todo um movimento contínuo de um pensamento que se refez por inúmeras vezes e se materializou, enfim, nesta escrita.

Durante a escrita dessa Dissertação, ao envolver-me com a temática dos refugiados, muitas vezes, experienciei deslocamentos que (re)mexeram naqueles sentimentos enraizados, e foi preciso desconstruir muitos alicerces que sustentavam certas compreensões. Tirar os pilares de sustentação do pensamento não foi fácil, pois os *Deslocamentos*<sup>2</sup> me fizeram refletir sobre:

Aqueles que partiram e não retornaram às suas terras nem vivos nem mortos seguem errantes pelo mundo. E nós, que voltamos ou que nunca saímos, abrigados em nossos sofás, quem somos? Testemunhas oculares ou espectadores distantes? Fraternos ou indiferentes? Quem são esses que vagam pelo mundo? Outros? O que é o outro senão o espelho de nós mesmos? (BORDAS, 2006, p.2)

Pensei: como os espelhos do mundo, das testemunhas oculares ou espectadores distantes são ofuscados pela difusão excessiva da imagem de contingentes de populações em sofrimento em trânsito, sem rostos, nomes ou histórias? E, como diria Susan Sontag (2003), qual nossa reação diante da dor dos outros?

---

<sup>1</sup> Embora as normas oficiais de redação científica propostas pela ABNT indiquem que nas citações deve constar apenas o sobrenome dos autores, escolhi escrever nome e sobrenome, sempre que o autor for inserido pela primeira vez no texto e sempre que a citação estiver no corpo do texto. Essa escolha se deu no intuito de visibilizar as autoras, uma vez que, na língua portuguesa, quando não se sabe o sexo de quem está falando, este/a é sempre tratado no masculino.

<sup>2</sup> Apresento a palavra deslocamentos em maiúsculo e itálico, para fazer referência ao texto de Marie Anges Bordas (2006), *Deslocamentos: uma proposta de integração por meio da arte*.

São imagens produzidas através de fotos e vídeos sobre o drama dos refugiados que circulam pelo mundo em diferentes mídias. São imagens de corpos, de travessias, do dia a dia incerto em algum campo de refugiado. São imagens das mortes nos naufrágios no Mediterrâneo, e do calvário dos refugiados retidos nas suas ilhas. São imagens de caminhões abarrotados de pessoas no deserto do Saara, e de fotografias de crianças separadas dos pais e deixadas em jaulas, sob o efeito de sedativos. São imagens de famílias inteiras empreendendo deslocamentos perigosos e sendo rechaçadas pela polícia. São imagens de alimentos atirados através de grades sob cabeças de multidões famintas. São imagens dos trânsitos de pessoas no frio do inverno europeu e de venezuelanos que foram apedrejados e tiveram seus documentos queimados no Brasil. São imagens do presidente dos Estados Unidos da América que prometeu construir um muro para manter os imigrantes indesejáveis do lado de fora, ou ainda outras fotografias e imagens que acompanham os percursos migratórios em quilômetros de caminhada. Corpos mortos nas praias europeias, boiando pelos mares, ou apenas alguns coletes salva-vidas simbolizando os corpos desaparecidos.

Todas essas tornaram-se, nos últimos anos, cenas ordinárias para o cidadão de qualquer país que tenha acesso a meios de comunicação em massa e são igualmente imagens que adentram cotidianamente a intimidade dos lares de todos aqueles que têm acesso a jornais ou ainda meios virtuais de informação (GEBRIM, 2018). Dessas inúmeras cenas, elegi cinco, que, produziram afetos, inscreveram marcas e deixaram vestígios e afetações:

**CENA 1** - Um menino sírio é encontrado nas praias da Turquia, morto por afogamento na tentativa de fugir da morte na guerra, 2015.



FONTE: BARBOSA (2015). Clique [aqui](#) para acessar a imagem.

**Um menino sírio é encontrado nas praias da Turquia, morto por afogamento na tentativa de fugir da morte na guerra<sup>3</sup>:** o dia 2 de setembro de 2015 foi possivelmente um dos mais chocantes no que se refere à crise migratória mundial na atualidade. Nessa data, o menino sírio, Aylan Kurdi, de apenas três anos, foi uma das vítimas de um naufrágio. Aylan Kurdi, morto em uma praia da Turquia, causou choque e sentimentos de manifestações de revolta nas redes sociais. O menino sírio foi encontrado em uma praia depois que duas embarcações com imigrantes naufragaram. Elas partiram de Bodrum, na Turquia, com destino a ilha grega de Kos. Pelo menos outras onze pessoas também morreram afogadas na viagem, entre eles o irmão de Aylan e sua mãe - o que indica uma jornada perigosa e traiçoeira. Mídias de todo o mundo noticiaram a tragédia e a denominaram como “o marco da crise migratória” (O Globo, 2015) tamanha a repercussão do episódio. O acontecimento histórico foi repetido sob as mais variadas perspectivas e se configurou como acontecimento discursivo.

---

<sup>3</sup>Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/a-imagem-que-virou-simbolo-da-crise-migratoria-pelo-mundo-17389332>. Acesso em: 28 jun. de 2022.

CENA 2 – Turistas filmam refugiado africano se afogar em Veneza, e não oferecem ajuda, 2017.



FONTE: EXTRA (2017). Clique [aqui](#) para acessar a imagem.

**Turistas filmam refugiado africano se afogar em Veneza, e não oferecem ajuda**<sup>4</sup>: o jovem Pateh Sabaly, 22 anos, refugiado da Gâmbia, chegara de barco na Itália havia dois anos. Um dia acidentalmente, caiu no Canal Grande, em Veneza. Enquanto lutava para sobreviver ao afogamento, turistas filmavam e debochavam: “Deixe-o morrer (...) É um estúpido, ele tem que morrer (...) e, Vá em frente, volte para casa” (Revista Fórum, 2017), além de outros xingamentos e ofensas. Apesar da tentativa de resgate pela guarda, o jovem acabou morrendo. O caso ocorre em uma época cujo discurso que critica a recepção dos refugiados está em alta na Europa. Milhares de refugiados se arriscam e pagam para agenciadores em diversos países africanos, em uma tentativa de buscar uma vida mais segura na Europa.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2017/1/26/turistas-filmam-refugiado-africano-se-afogar-em-veneza-no-oferecem-ajuda-18792.html>. Acesso em: 28 jun. de 2022.

**CENA 3** - Pai e filha salvadorenhos morrem afogados no rio Bravo, em travessia para os EUA, 2019.



FONTE: BBC (2019). Clique [aqui](#) para acessar a imagem.

**Pai e filha salvadorenhos morrem afogados em travessia para os EUA<sup>5</sup>:** um migrante salvadorenho, Óscar Alberto Martínez Ramírez de 25 anos, e sua filha, Angie Valéria Martínez, de quase dois anos, morreram no dia 23 de junho de 2019, afogados, enquanto atravessavam o Rio Grande na cidade de Matamoros, no estado mexicano de Tamaulipas. Eles tentavam chegar à cidade texana Brownsville-EUA (BBC, 2019). O fato repercutiu na mídia com o depoimento da mãe de Angie relatando que o pai chegou a atravessar o rio com a filha, deixando-a do outro lado da margem, retornando para buscar a mãe. Quando o marido voltou para ajudar sua esposa, a filha se jogou no rio. Nesse momento, o pai, desesperado, volta ao rio para acudir a filha e ambos são levados pela correnteza. A imagem dos salvadorenhos ilustra um drama vivido por milhares de pessoas que tentam atravessar a fronteira entre o México e os Estados Unidos ou dos milhares de venezuelanos que cruzam as fronteiras entre Venezuela e Colômbia. Apesar da fotografia não ser tão divulgada como a do menino sírio fotografado morto nas praias da Turquia, ela é tão chocante quanto aquela.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48769511>. Acesso em: 28 jun. 2022.

**CENA 4** - Um mês após o início da guerra na Ucrânia, quase um quarto da população do país está deslocada, 2022.



FONTE: ACNUR (2022). Clique [aqui](#) para acessar a imagem.

**Um mês após o início da guerra na Ucrânia, quase um quarto da população do país está deslocada<sup>6</sup>:** a cada dia, vidas são destroçadas, e famílias, separadas. Em um mês, mais de 10 milhões de pessoas foram obrigadas a fugir para salvar suas vidas, deixando suas casas e pertences para trás. Mais de 6,5 milhões de pessoas estão deslocadas dentro da Ucrânia e 3,7 milhões de pessoas foram forçadas a fugir do país. Esses números estão aumentando a cada dia. Estima-se que cerca de 13 milhões de pessoas estejam presas em áreas afetadas ou impedidas de sair devido ao aumento dos riscos de segurança, destruição de pontes e estradas, bem como a falta de recursos ou informações sobre onde encontrar segurança e alojamento (ACNUR,2022).

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/03/25/um-mes-apos-o-inicio-da-guerra-na-ucrania-quase-um-quarto-da-populacao-do-pais-esta-deslocada/> Acesso em: 28 jun. 2022.



**CENA 5** – Polícia do estado do Rio de Janeiro vê assassinato de Moïse Kabagambe como “tragédia social”, 2022.



FONTE: VARELLA; GALVANI (2022). Clique [aqui](#) para acessar a imagem.

**Polícia do estado do Rio de Janeiro vê assassinato de Moïse Kabagambe como “tragédia social”<sup>7</sup>:** Moïse Kabagambe, jovem de 24 anos, veio para o Brasil como refugiado político em 2014, com a mãe e os irmãos, e foi morto em 24 de janeiro de 2022. Ele trabalhava por diárias em um quiosque na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro e, segundo parentes, pretendia tentar cobrar dois dias de pagamentos atrasados na segunda-feira em que foi morto. O congolês chegou a ter pés e mãos amarrados com um fio depois de sofrer uma sequência de agressões. O rapaz foi encontrado por policiais ainda preso, deitado ao chão já sem vida, em uma escada do estabelecimento. A morte do congolês, é classificada internamente pela Polícia Civil do Rio de Janeiro como uma “tragédia social” (CNN, 2022). Muito embora não existam elementos que apontem para motivação racista ou xenofóbica, membros da Polícia reconhecem o racismo estrutural presente no contexto, já que a condição social de Moïse – refugiado africano negro– foi determinante para que ele estivesse em situação de vulnerabilidade. Segundo pessoas ligadas ao caso, isso ficou claro no fato de o corpo de Moïse ter sido ignorado por pessoas que passaram no local e ninguém ter acionado a polícia durante as agressões, como se a cor e a nacionalidade dele fosse motivo para presunção de culpa de algum delito.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-do-rj-ve-assassinato-de-moise-kabagambe-como-tragedia-social/>, Acesso em: 28 jun. de 2022. Vídeo do espancamento e morte de Moïse Kabagambe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYvfjAY69tw> . Acesso em: 28 jun. 2022.

São cenas fortes, brutais que poderiam nos fazer refletir sobre a estupidez de todas as guerras, já que não é apenas a da Ucrânia<sup>8</sup> - sessenta conflitos estão ocorrendo em todo o mundo com milhares de mortes, atualmente. Quanto às demais cenas, que mostram a morte de migrantes, tanto na tentativa de chegar, quanto depois de já estarem em outro país, simbolizam o desespero de migrantes que buscam segurança, refúgio e melhores condições de vida e acabam perdendo a própria vida.

Georges Didi-Huberman (2020), quando discute acerca das imagens de Auschwitz, entende que precisamos encará-las a qualquer preço, sendo como forem: tristes, brutais, perversas, doloridas. Por mais pesadas que essas imagens sejam, precisamos olhá-las, pois constituem narrativas sobre o sensível, sobre o mundo e sobre as pessoas. Obviamente, não encará-las amplifica o discurso dominante por vias da omissão. Didi- Huberman (2020) cita:

Inimaginável foi uma palavra necessária para as testemunhas que se esforçaram por narrar o sucedido, como para os que se esforçaram por ouvi-los. Quando Zalmen Lewental inicia a sua narrativa do pior, ele previne o seu leitor, dizendo que ninguém pode imaginar tal experiência, é por isso que ele a conta apesar de tudo, até que a nossa alma esteja definitivamente habitada pelas imagens. (p.94).

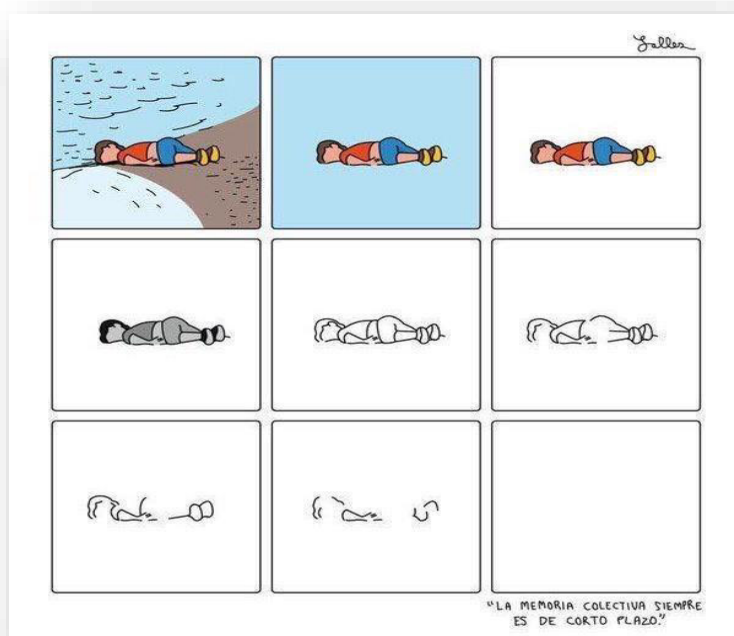
Mas o que tais imagens podem desencadear no outro? Trata-se de veiculações que geram indignação, engajamento e transformação? Ou precisamente seu oposto, imagens que produzem anestesia, insensibilidade, indiferença e impotência diante do sofrimento? Para Sontag (2003), as fotos são meios de tornar “real” (ou “mais real”) assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar” (p. 12). Para a autora, a fotografia teria a função de transmitir comoção. O sofrimento causado pela imagem deveria ter o objetivo de causar repugnância e um combate ou uma tomada de posição para a extinção de tal sofrimento humano. Contudo, se, por um lado, podemos pensar que ver de forma nítida e aproximada o drama do terror perpetrado pelos conflitos poderia gerar indignação, por outro lado assistimos à indiferença generalizada, tanto da opinião pública, como das principais políticas governamentais dos países mais ricos sobre a situação das pessoas em deslocamento (GEBRIM, 2018). Indiferença generalizada que mata, ecoada, literalmente, nas palavras da mãe Moïse: “Fugi do Congo para que eles não nos matassem. Mataram meu filho aqui, como matam em meu país. Mataram ele como um bicho” (CNN, 2022).

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/617858-nao- apenas-a- ucrania-60- conflitos- estao- ocorrendo-em-todo-o-mundo-com-milhares-de-mortes>. Acesso em: 28 junho 2022

O Caso de Moïse e as cenas aqui apresentadas não são únicas - milhares de outras crianças, jovens, adultos e idosos, de diversas nacionalidades e etnias, também tiveram desfechos traumáticos. Contudo, parece que a comoção social, ética e moral sobre a precariedade e a vulnerabilidade da vida de refugiados logo cai no esquecimento. É contra o esquecimento dessa memória traumática e repetitiva que o ilustrador mexicano Eduardo Salles (2018) publicava, naquele mesmo ano, um desenho no qual se via o corpo do menino Aylan (CENA 1) apagar-se com o tempo. De acordo com José Leonardo Tonus (2018), embaixo da ilustração ele mostrava: “a memória coletiva é sempre de curto prazo”.

Figura 1 - Discute o papel da memória e do esquecimento a partir do caso Aylan.



Fonte: Eduardo Salles (2018)

Clique [aqui](#) para acessar a imagem.

Enfim, tenho algo a contar, mas caberá em palavras a experiência vivida?

## ESTAR SÓ DE PASSAGEM: APRESENTAÇÃO

Quando minha mãe chegou aqui com minha irmã, fugindo da guerra, pensava que ficaríamos só de passagem. Por isso, ao nascer, ela me chamou de Geedi, que em somali quer dizer “em movimento”. Faz tempo. Hoje, eu já tenho 12 anos. (BORDAS, 2018, p.4, grifos no original)<sup>9</sup>

Estar só “de passagem”, como sugeriu a mãe, ou ser aquele que nasceu “em movimento”, como disse Geedi - mesmo estando fixados há anos em um campo de refugiados - são parte deste excerto que mostra o caminho de quem “cruza a fronteira” em busca de “ouvir, contar e inventar novas histórias, e outras possibilidade de vida” (BANDEIRA, 2018, p. 36). A partir dele, começo também meus movimentos/deslocamentos rumo à perigosa travessia das fronteiras e das palavras dessa Dissertação.

*Vozes do refúgio: narrativas de si sobre ser estudante universitário refugiado*, a seguir, foi elaborada a partir das teorizações em que são produzidas pesquisas na Linha de Pesquisa dos Estudos Culturais em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junto ao Grupo de Pesquisa intitulado Grupo de Estudos em Promoção da Saúde (GEPS), coordenado pela Prof. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha.

Antes de entrar na incursão, propriamente dita, da presente Dissertação, gostaria de descrever, de forma breve, a trajetória que percorri até esse momento, e quais foram as condições de possibilidades, que me levaram a optar pelo referido tema, bem como a justificar as escolhas feitas para a construção desse estudo.

Na minha caminhada acadêmico-profissional - que já transitou pela gestão, pela saúde e agora se vê atravessada pela educação – estar em constante processo de construção e desconstrução de verdades foi crucial para a invenção dos modos de agir e pensar que compõem este texto. Conforme Foucault (2008), para que uma evidência seja considerada uma verdade, é necessário que estejamos inseridos em determinados regimes discursivos, que funcionam como verdadeiros em uma determinada cultura, permitindo uma distinção entre o que é

---

<sup>9</sup> O Livro *Dois Meninos de Kakuma*, de Marie Ange Bordas, é uma história ficcional sobre Geedi e Deng, amigos inseparáveis. Geedi é somali, Deng, sudanês. Companheiros de vida e sonhos, de inquietações e dúvidas quanto ao futuro: sobre a vida real, a narrativa é elaborada a partir da convivência e do trabalho da autora com as crianças e jovens de Kakuma, um dos maiores campos de refugiados do mundo, criado em 1992. Gerenciado pelo ACNUR, o campo de Kakuma foi instituído para acolher milhares de refugiados da guerra civil sudanesa, sobretudo os “meninos perdidos do Sudão” (um contingente de mais de 20 mil crianças entre 7 e 17 anos). Localizado no noroeste do Quênia, em uma área inóspita, abriga cerca de 200 mil pessoas, sendo praticamente uma cidade, com pessoas de mais de 15 países (BORDAS, 2018).

verdadeiro e o que é falso. O autor também argumenta que tais regimes de verdade posicionam e constroem os indivíduos frente ao verdadeiro, ou seja, é aquilo que determina ações e consentimentos frente ao que se acredita ser a verdade. Nesse sentido, falamos de jogos de verdade e não em verdades absolutas, pois cada pessoa aceita a verdade sem que seja preciso fazer uso de pressão, pois a própria verdade molda o indivíduo. Geedi, desde muito cedo, percebeu, através dos muros de Kakuma, que “nascer em movimento” (significado do nome do menino), em um campo de refugiado, nem sempre é estar de “passagem”.

Recordo que minha Graduação em Saúde Coletiva, entre os anos de 2011 e 2015, foi pipocando à minha volta durante o tempo de exercício profissional, como Administradora, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O Curso colocava minha experiência em diálogo com outros conhecimentos, com outras formas de produzir conhecimento. Nesse momento, além da gestão, eu me ocupava também das inquietudes de estudante, ou seja, não mais apenas da necessidade de saber, mas também da oportunidade de perguntar.

Assim, como Geedi, que não queria morar em Kakuma para sempre, pois queria crescer, queria ser dono da sua vida, queria ter a liberdade para escrever sua própria história, em outros lugares, eu também percebi que sem transgressão e sem permitir-se não há conhecimento, não há construção de saber, tampouco escrever/contar/narrar histórias. Para Paola Zordan (2019, p. 206), “arriscar uma escrita exige sair de si e viver outras experiências”. Por isso, acredito que comigo foi – e tem sido – assim: assumir riscos e buscar a construção de saberes que mobilizem e desacomodem.

Concomitante ao término da Graduação em Saúde Coletiva, em 2015, um fato curioso/instigante aconteceu em minha vida profissional. Na Secretaria Municipal da Fazenda (SMF), fui chamada pelo Coordenador, que dessa forma me abordou: “tenho que indicar alguém para uma Comissão, que nem sei bem de que se trata, e tampouco porque a SMF nela está inserida, por isso pensei em ti, que é dessas coisas da Saúde Coletiva (...) até porque, não posso prescindir de fiscais para este tipo de coisa, e, também, porque acredito que ninguém tem interesse ou vai querer participar desse negócio”. A Comissão à qual ele se referia não era uma comissão propriamente, mas um Comitê, mais precisamente, o Comitê Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas do Tráfico de Pessoas no Município de Porto Alegre, no estado Rio de Rio Grande do Sul (COMIRAT POA). O COMIRAT POA, instituído pelo Decreto Municipal nº 18.815, de 10 de outubro de 2014, possui a finalidade de articular, propor, implementar, monitorar e avaliar o Plano Municipal de Atenção às Pessoas Imigrantes, Refugiadas, Apátridas e Vítimas do Tráfico de Pessoas no Município de Porto Alegre.

A solicitação me causou duas sensações. A primeira trouxe consigo uma repulsa/indignação pela forma como fui abordada. Reproduzi a fala do Coordenador aqui no texto, porque é inconcebível que um gestor público – mesmo não sendo da área – trate uma questão tão séria, com tamanho descaso e falta de respeito. E a segunda, agora de forma positiva, pela alegria de poder trabalhar, tanto na condição de servidora pública, quanto na condição de acadêmica, com algo que de certa forma me desacomodava. Era o período em que muitos haitianos, senegaleses, dentre outros, já buscavam Porto Alegre como destino, e que os venezuelanos começavam também a buscar o Brasil, nessa condição de migrante. A partir do ingresso no COMIRAT POA, surgiram as primeiras desacomodações com a temática dos imigrantes/refugiados. Mas, internamente, o tema não estava maduro/pronto para ser trabalhado, já que as perguntas, naquele momento, ainda não me tiravam a calma.

Fazendo uma analogia à citação apontada no início deste capítulo, do livro *Dois Meninos em Kakuma*, no qual Geedi, em primeira pessoa, faz um relato sobre suas inquietações em relação à vida, entendo que existe grande similitude entre o ato de investigar e “aquele que nasceu em movimento”, ou de nossas trajetórias de vida. Uma temática, um objeto e, principalmente, uma pergunta de pesquisa não acontece/é produzida ao acaso. Precisa tocar/capturar, ao mesmo tempo que reflete as experiências de vida com as quais somos atravessados. Tal sentimento sobre o investigar, nesse Mestrado, começou a ficar latente já, no ano de 2016, quando ainda vinculada ao Projeto de Pesquisa “Análise Comparativa de Sistemas Nacionais de Saúde Baseados em Atenção Primária”, coordenado pela Prof<sup>ta</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristianne Maria Famer Rocha, viajei para a Costa Rica, a fim de conhecer o Sistema Nacional de Saúde daquele país. As andanças pelo Aeroporto do Panamá, um dos pontos de parada durante a viagem, não aconteceram de maneira isenta. Naquele vaivém de pessoas, o ziguezaguear de um grupo no saguão dos voos que embarcariam para a América do Sul, me chamou atenção. Provavelmente, um grupo de haitianos – pela língua que falavam – buscando, talvez, nova chance de vida. Esse episódio me conectou novamente com tantos outros cenários semelhantes, vistos/vividos algumas vezes como integrante do COMIRAT POA. Aquela cena no Panamá e, depois, a reportagem sobre um menino de três anos, vestindo camisa vermelha, bermuda jeans e tênis, chamado Aylan Kurdi, de bruços, sem vida, nas areias de uma praia na Turquia – ele viajava ilegalmente com sua família que, com exceção do pai, também se afogou no mar - trouxe à tona, a vontade latente, em 2016, de trabalhar com esse tema.

Porém, um dos principais aspectos que me levou a aceitar o desafio de trabalhar com uma temática tão sensível foi participar do Curso *Afinando os sentidos: Ler e escrever imagens*